Ano VI — Lisboa, Outubro-Novembro de 1950 — N.os 66 e 67

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Número duplo avulso 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

As Reuniões internacionais de Escotismo e o Acampamento Nacional dos Escoteiros de Portugal ao Serviço da Fraternidade

QUANDO no «Jamboree» da Holanda, em 1939, Baden-Powell falando aos escoteiros proclamava: — **espalhai a fraternidade no mundo** — *estava longe de supor que poucos meses após a humanidade se iria ver envolvida na guerra mais tenebrosa de todos os tempos, onde o ódio mais crimes iria cometer e que o próprio cenário dessa manifestação de amizade da mocidade escoteira, se iria transformar em campo de luta. Por isso mesmo as palavras do Chefe atingiram mais acuidade e, correspondendo a uma necessidade instante do mundo, constituem, para cada escoteiro, um mandamento que urge manter em permanente execução.*

Para espalhar a fraternidade é essencial fomentar a amizade. Para que os homens simpatizem uns com os outros é imprescindível que se conheçam. É esta uma das mais importantes finalidades do escotismo.



O Sr. Presidente da República recebe os membros do Conselho Internacional de Escotismo

Em Portugal acabam de se efectuar duas importantes actividades escotistas, uma diferente da outra, mas ambas conduzindo ao mesmo fim: **espalhar a fraternidade.** *Os Comissários Internacionais e os membros do Conselho Internacional de Escotismo reuniram-se no Forte das Maias, em Santo Amaro de Oeiras, no cenário maravilhoso da foz do Tejo e aí se conheceram uns, travaram relações mais íntimas outros, numa jornada de fraternidade que todos afirmam esplêndida.*

Ao mesmo tempo, em Carcavelos, reuniram-se num Acampamento Nacional 300 escoteiros de todo o Continente, rapazes de Portugal, vindos do Porto e de Gaia, das diferentes terras do Algarve, do Entroncamento, de Setúbal, de Lisboa e seus arredores, e ali passaram alguns dias unidos numa mesma actividade, procurando conhecer-se, caminho para uma melhor amizade. Porque, parece necessário evidenciar-se, a fraternidade é tão importante no plano nacional, como no plano internacional. O Escotismo não visa apenas a fomentar a amizade internacional, antes, pelo contrário, ele apoia-se na amizade entre os rapazes de uma mesma nação, centro de onde se projecta e alarga abrangendo a gente nova de todas as terras, raças e crenças.

Se não formos capazes de confraternizar com os nossos vizinhos; se entre nós, portugueses, levantarmos barreiras, como quereremos que essas mesmas barreiras não existam nas relações com os nossos irmãos de longe?

As actividades que se efectuaram em Portugal foram, por isso, real obra de fraternidade. Nas reuniões internacionais conjugaram-se os esforços das duas associações escotistas portuguesas unidas num mesmo propósito. Os Comissários Internacionais visitaram o acampamento de Carcavelos e, apesar da sua categoria social e escotista, aí foram confraternizar com os escoteiros de Portugal, unindo-se entusiastas em volta do seu fogo de conselho.

E, quando as lavaredas da fogueira murcharam, as brasas rubras mantiveram ainda o calor, símbolo vivo da amizade que os nossos visitantes levarão como presente dos rapazes de Portugal aos escoteiros seus irmãos das nações representadas.

Reuniões Internacionais de Escotismo em Portugal em Setembro de 1950

Conforme o nosso jornal tem anunciado, realizaram-se no passado mês em Portugal e no Forte das Maias, em Santo Amaro de Oeiras,

Gastão de Moura Florêncio
Adjunto do Sec. das Relaç. Int.
Henrique Alves de Azevedo
Antigo Sec. das Relaç. Int.
Adjunto do Chefe Geral (em licença)



Comissários Internacionais no Forte das Maias — Da esquerda para a direita: (na escada) General Spry (Canadá), Conde Santucci (Itália), Philip Tossyn (Bélgica), Edwin Törmälä (Finlândia), Eng.º Cabral (Portugal), Coronel Wilson (Repartição Internacional), Barão Voorst tot Voorst (Holanda), Dr. Fanderlik (Checoslováquia), Eng.º Lauritzen (Dinamarca) e Percy Siebold (Repartição Internacional). Em baixo: Volkmaars (Holanda) Glad Bincham e Bob Thomas (Inglaterra), Gastão Florêncio (Portugal), Dr. Medzadourian (Arménia), Pierre Delsuc (França), Sten Thiel, (Suécia), Mackinney (E. U. A.), Jean Salvaj (Suíça), Major Fortes (Brasil), Eug.º Nobre Santos e Lima Santos (Portugal).

onde funciona a Colónia de Férias Dr. Teotónio Pereira, três importantes reuniões escotistas em que tomaram parte algumas dezenas de delegados de outros tantos países onde o escotismo se pratica.

Dessas reuniões, e das actividades que à volta delas se realizaram, deu já a imprensa diária portuguesa, e até estrangeira, largo noticiário, cabendo agora a vez da nossa modesta contribuição, procurando dar a esses acontecimentos o relevo que bem merecem.

Para transmitir aos nossos prezados leitores as opiniões de diversos sectores, procurámos vários elementos que directamente acompanharam os trabalhos.

Ninguém melhor que o Secretário das Relações Internacionais da A. E. P. nos poderia dar uma ideia geral dos acontecimentos e, para isso, o procurámos, ao que ele logo acedeu, pelo que lhe damos a palavra.

A RECEPÇÃO

A Comissão de Recepção foi definitivamente completada com mais alguns dirigentes das duas associações escotistas tendo ficado constituída do seguinte modo:

da A. E. P. (a)

Eng.º José Maria Nobre Santos
Sec. das Relaç. Int.

do C. N. E.

Victor Manuel de Lima e Santos
Sec. das Relaç. Int.

Eng.º João Albino de Garcia Cabral
Chefe Regional de Lisboa

Dr. Américo do Carmo Santa Martha
Sec. Geral da Propaganda (Adj.)

(a) Por motivo de operação cirúrgica de urgência a que teve de ser submetido por ocasião das reuniões, não nos deu a sua colaboração o Sr. Manuel Peixoto, facto que sinceramente se lamenta.

A cargo desta Comissão, ajudada por alguns escoteiros das duas associações, esteve toda a organização das boas vindas, direcção das actividades e reuniões, a assistência aos que permaneceram entre nós mais alguns dias e, por último, as despedidas.

Pelas comunicações que tínhamos, sabíamos o dia, local e hora da chegada de quase todos os delegados estrangeiros e por isso sempre que possível íamo-los esperar às estações de caminho de ferro ou ao aeroporto para, de seguida, os conduzirmos, em viaturas amàvelmente postas às nossas ordens, para o Pavilhão dos Desportos Náuticos em Belém, também posto à nossa inteira disposição pelo Sr. Com.te Henrique Tenreiro. Aí eram servidos aperitivos e merendas.

Este dia 13 de Setembro foi de buliço permanente, dum vaivém constante, visto que vindos de tão diferentes partes do Mundo e utilizando vários meios de transporte, as horas de chegada divergiam muito, sendo quase uma para cada um.

Das horas inicialmente marcadas para a chegada, algumas houve que sofreram atrasos. Como caso curioso resultante disso não quero deixar de referir o que se passou com o Com. Int. do Brasil, daqueles brasileiros que se preza de falar português e a todo o momento anota as expressões ou palavras que em Portugal se usam, para assim o seu vocabulário ser enriquecido.

Esse foi um dos que o avião so-

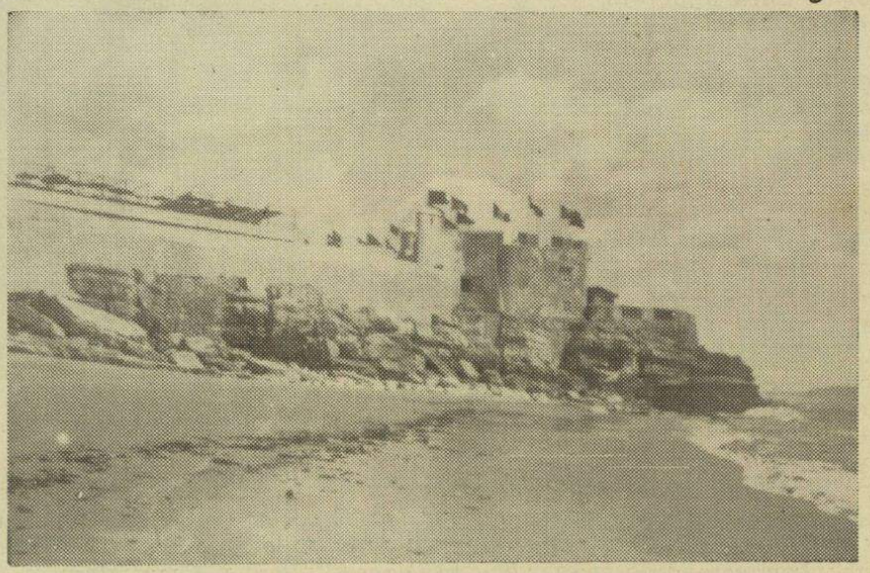

Foto Eng.º Cabral

O Forte das Maias onde se efectuaram as reuniões internacionais

freu atrasos, por três ou quatro vezes, acabando por chegar só às 4 horas da madrugada de 13. Dirigiu-se ao Pavilhão, mas àquela hora quem o atendeu foi o porteiro da noite a quem se dirigiu, com o

seu característico sotaque, perguntando se era ali que estava a Comissão de Recepção aos escoteiros estrangeiros.

O porteiro, talvez ensonado, e esperando que se lhe deparasse um estrangeiro, volta-se para o condutor do táxi e diz-lhe: — Você percebe o que este tipo diz?,

—Mas oiça — responde pronto o brasileiro—não seja bobo, você não me entendeu. Eu estou falando português; sou brasileiro e nós não falamos estrangeiro em Portugal.

Este incidente constituiu depois um episódio que o Major Fortes contava como anedota e, diga-se desde já, este delegado foi dos mais populares, não só pelo seu temperamento como ainda porque a língua nos ajudava a um melhor entendimento.

As reuniões realizadas foram como se disse três: a dos Comissários Internacionais com sessões a 14 e 15, a da Comissão de Estudo dos Antigos Escoteiros a 18, e a do Conselho Internacional de Escotismo (Comité) de 18 a 20.

Não sendo todos os participantes duma, componentes das outras, sucedeu que uns chegaram mais cedo e outros mais tarde, donde resultou que a recepção durasse pràticamente de 12 a 17.

Os elementos que ao todo estiveram presentes nestas reuniões foram:

Conselho Internacional

Dr. Pierre Delsuc	*França*
Eng.º Ove Holm	*Dinamarca*
Amory Houghton	*E. U. A.*
Lorde Rowallan	*Inglaterra*
Jean Salvaj	*Suíça*
Major-General D. C. Spry	*Canadá*
General Barão Voorst tot Voorst	*Holanda*
Eng.º Sten Thiel	*Suécia*
Dr. Velen Fanderlik	*Checoslováquia*

Coronel J. S. Wilson — Director da Repartição Internacional

Percy Siebold — Adjunto do Secretário do mesmo organismo.

Comissários Internacionais

Philip Tossyn	*Bélgica*
Major Léo Borges Bortes	*Brasil*
Eng.º Kay Laurítzen	*Dinamarca*
Jan Volkmaars	*Holanda*
Petrus van Velzen	»
Edwin Törmälä	*Finlândia*
Conde Geovani Santucci	*Itália*
Glad Bincham	*Inglaterra*
Bob Thomas (Secretário)	»
W. Arthur Mckinney	*E. U. A.*
Eng.º Heinrich Zemaneck	*Áustria*
Dr. Paul König	*Alemanha*
Dr. Pierre Delsuc	*França*
Jean Salvaj	*Suíça*
Major-General D. C. Spry	*Canadá*
Dr. Kourkène Medzadourian	*Arménia*
Ali Dandachi (presidente da Associação)	*Síria*
Dr. Zouhair Dalati	»
Eng.º José Maria Nobre Santos	*Portugal (AEP)*
Gastão Florêncio (adjunto)	» »
Vítor Manuel Lima Santos.	» *(CNE)*
Eng.º João Garcia Cabral (adjunto)	» »

Antigos Escoteiros

J. F. Colquhoun	*Inglaterra*
E. Sjoqvist	*Dinamarca*
Prof. Mário Mazza	*Itália*
Dr. Pierre Delsuc	*França*
Eng.º Sten Thiel	*Suécia*

Por dificuldades de última hora não puderam vir, apesar de terem feito a sua inscrição:

Dr. Luigi Pirotta (Itália — Com. Int. G. E. I.)
John Messell — Com. Int. Noruega
Thomas J. Watson — Com. Int. E. U. A.
Basil V. Melas — Com. Int. Grécia
Francisco Macias Valdez—Sec. Nac. México



Vítor Lima e Santos, Secretário Internacional do C. N. E.; Coronel J. S. Wilson, Director da Repartição Internacional de Escotismo; e Eng.º José Maria Nobre Santos, Secretário Internacional da A. E P.

José J. Araujo — Com. Int. Venezuela
E. J. Mongomery—Com. Int. Irlanda
Príncipe Emanuel Lischtenstein — Com. Int. do Principado de Lischtentein
R. T. Lund — Secretário do «Bureau»
A. E. Benaki — do Comité (Grécia)
Pierre Bouvet — Com. Int. Cuba

As Reuniões dos Comissários Internacionais

Noutro local o «*S. P.*» se refere a este assunto com maior relevo. Não quero, no entanto, deixar de evidenciar um dos aspectos mais interessantes das reuniões: o estreitamento dos laços de amizade dos povos pelo conhecimento mais íntimo de alguns dos seus cidadãos.

Na dos Comissários Internacionais esse objectivo é dos principais, permitindo pôr em contacto directo os elementos que permanentemente estão encarregados das relações escotistas entre os diversos países.

É, de facto, muito diferente tratarem-se assuntos com pessoas que nunca se viram, do que tratá-los com aquelas com quem se viveu, se conversou, se trocou ideias e, até, com quem através desse convívio nos tornámos amigos, e a quem os laços de fraternidade nos ligam duma maneira efectiva.

Era por esta razão que, ao iniciarem-se os preparativos das reuniões em Portugal, o Director do «Bureau» nos dizia para procurarmos hotéis sossegados e no caso de um só não ter instalações para todos, procurarmos vários que estivessem perto para assim o convívio ser maior.

Sobre este aspecto podemos orgulhar-nos de ter conseguido condições óptimas, que em nenhum outro país se tinha ainda conseguido para idênticas reuniões.

O Forte das Maias, inteiramente à nossa disposição, prestou-se maravilhosamente, e a provar isso está o facto de quase todos aqueles que tinham pedido alojamento em hotéis terem passado a ficar no Forte, incluindo até alguns dos que traziam esposas, emprestando deste modo um cunho de maior graciosidade ao convívio.

À esposa do Com. Int. Arménio ouvimos por várias vezes dizer que, quando começava a pensar um pouco no que via, chegava a duvidar se não estaria sonhando um daqueles sonhos das mil e uma noites.

As Reuniões do Conselho Internacional de Escotismo (Comité) e da Comissão de Estudo dos Antigos Escoteiros.

Estas reuniões tiveram início na segunda-feira 18. Os assuntos a tratar eram numerosos e isso fez com que os tempos destinados a sessões fossem completamente preenchidos, sucedendo até que à hora do almoço alguns membros não pudes-



Sua Eminência o Cardial Patriarca de Lisboa com os membros do Conselho Internacional de Escotismoe as entidades por quem foram acompanhados

sem ir à sala das refeições e comessem na própria sala das sessões —a magnífica sala da Direcção do Forte—onde a Repartição Internacional de Escotismo (Bureau) tinha a sua secretaria montada.

Os assuntos tratados e as resoluções a que se chegou serão oportunamente dados a conhecer.

Pena foi que a Direcção da nossa Fraternal, apesar de avisada, não tivesse aparecido a tomar contacto com os membros da Comissão de Estudo dos Antigos Escoteiros, pois embora não tomasse parte nos trabalhos, pelo menos estabelecia contactos que no futuro seriam decerto proveitosos.

As visitas e excursões

Fizeram-se as que estavam previstas no programa. Todas estas actividades decorreram num ambiente de verdadeiro espírito escotista e delas se faz pormenorizado relato noutras páginas deste jornal, visto tratarem-se de assuntos que merecem bem especial referência.

As circunstâncias foram bem aproveitadas e elas serviram para mostrar aos nossos visitantes um pouco do nosso belo Portugal e do nosso escotismo.

Embora não estivesse no programa inicial, alguns dos Comissários católicos mostraram o desejo de ir a Fátima no domingo, em lugar de irem à excursão Sintra-Cascais.

Para estes foram postos à sua disposição dois carros que os transportaram ali, aproveitando a oportunidade para visitarem também a Batalha, Alcobaça e Tomar, com o seu Convento de Cristo.

Estes delegados ficaram também imensamente agradecidos pela oportunidade que se lhes proporcionou.

Recepções e actos oficiais

Além dos actos a que nos referimos noutra coluna, na terça-feira 19, a convite dos membros do Conselho Internacional, foram os dois Secretários das Relações Internacionais portugueses jantar no Monte Estoril Hotel, onde muitos daqueles Dirigentes estavam hospedados.

A ornamentar a mesa viam-se várias flores de lis e o bolo servido no fim do jantar também vinha ornamentado com uma flor de lis e o lema escotista «Sempre Pronto».

O objectivo deste jantar foi para expressar aos dois delegados portugueses os agradecimentos pelo trabalho realizado na organização e recepção das reuniões, felicitar-nos pelos bons resultados obtidos e pelo bom exemplo de cooperação mostrado entre as duas associações portuguesas. O Coronel Wilson, a rematar, disse da sua satisfação em ver a harmonia conseguida agora perdurar no futuro para engrandecimento do escotismo português e avançou até à ideia de procurar tentar-se estabelecer uma União dos Escoteiros de Portugal que englobasse superiormente a organização e direcção do escotismo no nosso país.

Depois deste jantar, e por oferta do Presidente da A. E. P., foram até ao Instituto do Vinho do Porto, em S. Pedro de Alcântara, onde se demoraram em franca e alegre camaradagem.

Na quarta-feira, dia 20, ainda houve de manhã sessões do Conselho Internacional que terminaram mais cedo do que o costume para os membros desse Conselho irem aos cumprimentos oficiais a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca.

Na tarde deste dia foi oferecido um almoço oficial de despedida aos membros do Conselho Internacional, com a presença das direcções das duas Associações portuguesas e Antigos Escoteiros das mesmas, depois do qual Sua Excelência o Presidente da República recebeu os membros do Conselho Internacional, tendo estes categorizados elementos escotistas, expressado os seus agradecimentos à mais alta individualidade e digno representante de Portugal.

Destes três últimos acontecimentos se faz relato mais circunstanciado noutro local do «*S. P.*»

À noite houve um jantar íntimo oferecido pelo Presidente da A. E. P., dig.mo Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, aos membros do Conselho Internacional de Escotismo e aos dois Secretários das Relações Internacionais portugueses e com a presença do Dr. Costa Leite (Lumbrales), Ministro da Presidência; Prof. Dr. Marcelo Caetano, Presidente da Câmara Corporativa e Comandante Henrique dos Santos Tenreiro, Presidente das organizações de pesca portuguesas.

O jantar realizou-se numa das pequenas salas do Pavilhão dos Desportos Náuticos e numa mesa redonda para que a intimidade fosse maior.

A conversa manteve-se sempre animada sobre os mais variados assuntos de interesse nacional, internacional e escotista, porque as individualidades oficiais que se dignaram assistir foram antigos escoteiros, daqueles que das nossas fileiras mais alto se guindaram nos meios governativos da Nação.

Com este jantar terminaram oficialmente as reuniões internacionais, realizando-se na quinta-feira 21 e seguintes a partida dos vários elementos estrangeiros que ainda se encontravam entre nós.

O MAJOR LÉO BORGES FORTES

Comissário Internacional do Escotismo Brasileiro visitou o "Sempre Pronto,,

Em 29 de Setembro findo, o Sr. Major Fortes, do Escotismo Brasileiro, visitou a redacção do nosso jornal, proporcionando oportunidade para uns momentos de íntima confraternização e troca de impressões sobre o trabalho da imprensa escotista e outras actividades editoriais.

O corpo directivo do nosso jornal ofereceu-lhe um chá no qual tomaram parte o, nosso Director e sua Esposa, o nosso Redactor Principal, e os Srs. Faustino Leitão adjunto da Administração, que representava o nosso Administrador ausente de Lisboa; Ernesto Clímaco do Nascimento, redactor do «*S. P.*» e Chefe Regional do Centro; Armando Lino, Chefe do Grupo 53; João Cabral, Chefe do Grupo 9; Félix Bragança, colaborador fotográfico do nosso jornal; Manuel Tacão, Júlio Maria Reis e Fernando Silveira, respectivamente Sub-chefe, Guia de Secção e Guia de patrulha do Grupo 94, colaboradores assíduos e dedicados do «*S. P.*»; Eduardo Rolão, Tesoureiro Geral Adjunto e sua Esposa.

O Sr. Major Fortes, com quem o «*S. P.*» desde há muito colabora estabelecendo intercâmbio de publicações, foi saudado pelo nosso Director em nome da «patrulha» do «*Sempre Pronto*», tendo-lhe sido pedido que transmitisse saudações aos dirigentes da União dos Escoteiros do Brasil, onde o nosso jornal conta amigos dedicados, e que especialmente o fizesse ao Comissário David de Barros, representante do «*S. P.*» no Brasil; e ao Chefe João Mós, compatriotas nossos que se dedicam e dedicam as suas vidas ao serviço do escotismo na nação irmã.

O Chefe Lino manifestou a sua alegria por estar presente numa reunião de amizade, e saudou igualmente o delegado brasileiro.

O Major Fortes, no seu estilo jovial, disse da sua satisfação em ter passado uns momentos tão alegres numa reunião de família e afirmou ser descabido referir-se à amizade que une portugueses e brasileiros, porque isso era tão real que não necessitava de ser apregoado. Afirmou que nunca se sentiu estrangeiro nos dias que passou em Portugal, de onde partia com recordações inolvidáveis, e que gostosamente transmitiria as saudações de que era portador.

No sábado, às 15 horas, o avião britânico levou o nosso ilustre hóspede de regresso ao Brasil, deixando em Portugal boas amizades. No aeroporto estiveram a despedir-se o Secretário Adjunto das Relações Internacionais, Sr. Gastão de Moura Florêncio, e sua Esposa; e os Srs. Eduardo e Joel Ribeiro, do «*Sempre Pronto*».

O "SEMPRE PRONTO,, EM MADRID

Os antigos «Exploradores de España», aproveitando a visita que recentemente fez a Madrid o Director do nosso jornal, quiseram homenagear o «*Sempre Pronto*» e manifestar o apreço em que têm o órgão que regularmente os visita.

Ofereceram, por isso, ao nosso Director e sua família uma merenda que constituiu uma excelente oportunidade de confraternização, na qual tomaram parte alguns antigos escoteiros e respectivas famílias, levando a sua gentileza ao ponto de presentearem o «*Sempre Pronto*» com um artístico galhardete em couro lavrado e pintado, com dedicatória, trabalho executado por um daqueles nossos camaradas.

O nosso Director agradeceu a homenagem prestada ao «*Sempre Pronto*», referiu-se à amizade peninsular de que o Escotismo pode constituir mais um factor, e bebeu pela felicidade pessoal dos antigos «exploradores» e suas famílias e pela felicidade da Espanha.

AS SESSÕES DO "GET-TOGETHER„

Embora nunca tivéssemos assistido a nenhum «Get--Together» (reuniões de Comissários Internacionais) temos a impressão de que este que se acaba de realizar no nosso País, nas magníficas instalações do Forte das Maias, deve ter sido o primeiro onde o objectivo de uma verdadeira confraternização entre os representantes das diversas Nações se conseguiu plenamente. O facto de termos ficado, na grande maioria, instalados no mesmo sítio, permitiu que num convívio de muitas horas, nos tivéssemos ficado a conhecer duma maneira



Aspecto de uma sessão de trabalho dos Comissários Internacionais presidida por Mr. Glad Bincham, delegado da Inglaterra

mais íntima uns aos outros, e que as trocas de impressões para um melhor escotismo mundial e uma verdadeira fraternidade entre os escoteiros de todo o mundo possam vir a ser uma melhor realidade. A testemunhar estas nossas afirmações temos as inúmeras cartas já recebidas da maioria dos Comissários Internacionais onde expressam a sua satisfação pelos resultados obtidos.

Do contacto que ali tivemos ficaram-nos inolvidáveis recordações de amizade e bom convívio e também, porque não dizê-lo, muitos episódios e anedotas pelos acidentes próprios pela diversidade de usos e costumes.

Dos trabalhos realizados durante dois dias das 9,30 às 5 da tarde, só com a interrupção para almoço, damos a seguir uma descrição para que se possa avaliar pelos assuntos os propósitos e preocupações dos dirigentes, para tornar o escotismo mais forte e mais belo.

Comunicação sobre agrupamentos de escoteiros na situação de pessoas deslocadas e estudo do parágrafo F, da resolução da Conferência de Rosny:

Sobre escoteiros que formam as divisões das pessoas deslocadas falou o General Spry que relatou a forma como têm sido acolhidos os escoteiros vindos de países ocupados por outras potências, sendo de opinião que os mesmos devem ingressar nos Grupos constituídos por rapazes canadianos. Este assunto levantou uma certa controvérsia sobretudo por parte dos representantes dos países que se acham nessas condições. O Coronel Wilson disse achar que esses escoteiros ao prestarem compromisso deviam prometer respeitar as leis e constituição dos países que lhes tinham dado acolhimento. A grande maioria pronunciou-se pela absorção dos rapazes em unidades do país acolhedor, usando no uniforme um distintivo da respectiva nacionalidade.

O fundo mundial da Amizade.

Sobre o Fundo Fundo Mundial de Amizade o delegado americano Mackinney leu um extenso relatório historiando em que consistiu o auxílio da América do Norte aos escoteiros de todo o mundo, sobretudo àqueles cujos países estiveram ocupados durante a guerra. Este deve ter sido um grande movimento de solidariedade e que deve ter permitido não se ter perdido o trabalho de muitos anos de proficiente labor.

O Futuro «Jamboree» Mundial e a Reunião da Conferência.

Sobre a organização do próximo «Jamboree» na Áustria, falou o delegado do mesmo país Zemaneck, o qual se referiu ao adiantado estado dos preparativos para a realização do mesmo. Trouxe consigo larga documentação e muitas fotografias do local onde se pensa organizar o referido «Jamboree». Por fim falou o Coronel Wilson que corroborou as declarações de Zemaneck pois na sua última visita a esse país tinha verificado as excelentes condições que o mesmo oferecia para o fim em vista.

Assistência às delegações escotistas quando em viagem. Possível criação dum Fundo especial para esse fim.

O delegado da Bélgica Phillip Tossyn apresentou uma proposta no sentido de ser criado um fundo especial de assistência aos escoteiros em viagem, alegando que muitos bons escoteiros se viam privados de viajar e ter contacto com outros escoteiros de países diferentes por falta de meios financeiros. Esta proposta levantou viva discussão pois a maioria pronunciou-se mais favorável a que os rapazes devem procurar por eles próprios angariar os meios para a realização desses projectos. Glad Bincham da Inglaterra citou o exemplo do seu país, onde rapazes quer ricos quer pobres realizavam diversos trabalhos a troco de uma remuneração dentro da característica organização «Bob a Job Week» a semana dos trabalhos por um xelim. Claro que não foi excluída a ideia de ajudar os rapazes que queiram viajar, ficou porém assente que só se deve fazê-lo depois de averiguar os esforços que os mesmos fizeram para o fim em vista.

Relações públicas internacionais entre escoteiros. Livre troca de notícias.

Sobre o capítulo da troca de informações e notícias para publicar nos diferentes jornais escotistas do mundo, falou o General Spry o qual apelou para todos para que esse intercâmbio se realize o mais proficientemente possível e a propósito mandou distribuir uma grande colecção de publicações da Associação dos Escoteiros do Canadá, através da qual se nota o adiantado estado e boa organização do Escotismo no Canadá.

Papel dos Comissários Internacionais no que se refere a pedidos de fotos, bandeiras, livros. etc.

O simpático delegado do Brasil referiu-se à melhor forma de atender os pedidos dos escoteiros para outros escoteiros, os quais consistem na maior parte no desejo de trocar fotos, bandeiras, insígnias, etc. Claro está que em tudo o que dizia punha sempre uma nota de bom humor, pois a propósito de tudo tinha sempre uma pequena anedota verdadeira a contar pelos casos que lhe aconteciam.

Métodos usados para atrair dirigentes para o movimento.

Sobre os métodos a usar para atrair dirigentes para o movimento, falou em primeiro lugar o General Spry, seguindo-se outros oradores que abordaram este importante problema para o movi-



Foto Lobo Pimentel

Aspecto das reuniões dos Comissários Internacionais, presidindo o Eng.º Thiel, delegado da Suécia

mento. De uma maneira geral chegou-se à conclusão que, depois de se captar a simpatia das pessoas pelo movimento, se tornava indispensável um excelente treino através de cursos de especialização.

Como interessar patrulhas individuais ou Grupos inteiros nos programas de outros escoteiros de diferentes países através de programas tais como Fogos de Conselho, reuniões de Amizade, etc.

Sobre a maneira de interessar grupos de um país diferente nas manifestações escotistas de um determinado país, falou o delegado americano Mackinney que dissertou largamente afirmando que os es-

(Conclui na 8.ª página)

DUAS EXCURSÕES OFERECIDAS AOS NOSSOS VISITANTES

OS COMISSÁRIOS EM SETÚBAL, ARRÁBIDA, AZEITÃO E ALMADA

O acolhimento feito aos Comissários Internacionais e membros do Conselho Internacional de Escotismo não se limitou às reuniões no Forte das Maias e à respectiva instalação. A Comissão de Recepção, que se não poupou a esforços para que os nossos visitantes levassem de Portugal recordações inolvidáveis, proporcionou-lhes duas excursões visitando os



No Tejo a bordo da lancha dos Pilotos da Barra

mais belos locais dos arredores de Lisboa, especialmente Arrábida e Sintra.

No sábado, dia 16, coube a vez a Setúbal e Arrábida. Os dirigentes escotistas tomaram de manhã uma lancha dos pilotos que os conduziu de Belém a Cacilhas. Aqui esperava-os um luxuoso autocarro que os levou até Azeitão e Setúbal. Os Comissários dirigiram-se à Câmara Municipal onde eram aguardados pelo Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos, Presidente da Câmara e pelos dirigentes do C. N. E. Srs. Dr. Cabral Adão e Francisco Oliveira. Na sala de sessões da Câmara o Sr. Dr. Rodrigues Bastos apresentou as boas vindas, dizendo da sua satisfação em receber em Setúbal os dirigentes do escotismo de tantas nações da terra e expressou o seu apreço pela obra do Escotismo, fazendo votos para que um melhor entendimento entre os homens e entre as nações possa facilitar a sua missão.

Em nome dos Comissários tomou a palavra o delegado brasileiro Major Leo Borges Fortes que disse estar naturalmente indicado para representar os seus colegas por ter a alegria de poder falar a mesma língua dos portugueses. Agradeceu as palavras do Sr. Presidente e manifestou o prazer que todos sentiam por visitar Setúbal e Portugal, declarando-se sensibilizados pela simpatia com que têm sido acolhidos. Para si, brasileiro — afirmou — a visita a Portugal era ainda mais agradável do que a qualquer outro, porque entre nós «tudo nos une». Terminou fazendo votos pelas prosperidades de Setúbal e de Portugal.

Os discursos foram vertidos para o inglês pelo Secretário Internacional do C. N. E., Sr. Vítor Lima Santos.

Os Comissários visitaram depois o Museu Municipal, tendo o Sr. Presidente da Câmara oferecido no final um moscatel de Setúbal a todos os presentes.

Os excursionistas seguiram então para a Arrábida, sendo acompanhados pelo Sr. Dr. Rodrigues Bastos e pelos dirigentes do C. N. E. de Setúbal já referidos; tendo admirado as surpreendentes paisagens que a serra nos oferece. Do Portinho da Arrábida dirigiram-se a Azeitão onde o almoço foi servido da Quinta das Torres.

O ALMOÇO EM AZEITÃO

Presidiu o Sr. Dr. Rodrigues Bastos e durante o repasto reinou na sala, a par de uma intimidade própria de escoteiros, um espírito alegre especialmente animado pelo Major Borges Fortes, do Brasil; e Dr. Cabral Adão de Setúbal, dois elementos para quem o 7.º artigo da Lei dos Escoteiros não é palavra vã.

Aos brindes usou da palavra o Sr. J. Salvaj, delegado Suíço, que em francês expressou a sua grande alegria por se encontrar em Portugal e o seu reconhecimento e dos seus colegas presentes e ausentes (porque alguns delegados ficaram ocupados no Forte das Maias em trabalhos do Conselho Internacional) pela hospitalidade com que estavam sendo acolhidos em Portugal. Disse também que estava impressionado pelo espírito de disciplina, ordem, trabalho pela paz e respeito pela personalidade humana de que via animado o laborioso povo português. Terminou levantando a sua taça à saúde do Sr. Presidente da Câmara e de todos os presentes, e fazendo votos pelas prosperidades da cidade de Setúbal e de Portugal.

O Sr. Dr. Rodrigues Bastos agradeceu confessando-se sensibilizado pela saudação que lhe tinha sido feita pelo Sr. Salvaj em representação dos dirigentes escotistas. Disse mais que tinha calado fundo no seu coração a afirmação do Sr. Salvaj de ter apreciado o trabalho ordeiro do povo português pela paz, no respeito pela personalidade humana, bem como a afirmação da Sr.ª de S. Thiel, que disse lhe parecer impossível haver sobre a terra um povo tão simpático. Terminou erguendo a sua taça à saúde dos dirigentes escotistas e pelo progresso do Escotismo no mundo.

E o almoço terminou num ambiente de amizade



Os Comissários num dos miradouros da Serra da Arrábida

escotista, unindo-se as vozes na interessante canção do «Jamboree»:

Venus de tous les coins du monde
Unis et forts par l'amitié,
Chantons, dansons, formons la ronde
De joie et vrai fraternité
Venus de tous les coins du monde
Unis et forts par l'amitié!

Jambo, Jambo, Jambo, Jam, Jamboree.
Jambo, Jambo, Jambo, Jam, Jamboree.

* * *

A excursão seguiu para Palmela tendo visitado o Castelo, dirigindo-se a Setúbal, tomando lugar numa lancha que os conduziu a Tróia onde foram servidos sandes e refrescos.

Na praia de Tróia alguns dos nossos visitantes banharam-se. De regresso a Setúbal os Comissários dirigiram-se à sede do núcleo de Setúbal do C. N. E., onde iria ser servido o jantar. A guarda de honra era prestada pelos Grupos de Setúbal do C. N. E. e a sede encontrava-se ornamentada com muito gosto, num ambiente escotista agradável.

Momentos depois chegou o Sr. Dr. Francisco Correia Figueira, Governador Civil de Setúbal, a quem o Sr. Lima Santos fez a apresentação sucessiva dos diferentes delegados estrangeiros.

O JANTAR NA SEDE DO C. N. E. EM SETÚBAL

O Sr. Governador Civil presidiu ao jantar, estando também presente o Sr. Presidente da Câmara, dirigentes do C. N. E. de Setúbal, os Comissários estrangeiros, e os dirigentes da A. E. P. e do C. N. E. que os acompanhavam desde Lisboa.

Aos brindes o Sr. Dr. Cabral Adão agradeceu a honra da presença do Sr. Governador Civil e Delegados Estrangeiros na sede de Setúbal do C. N. E. Novamente o Sr. Jean Salvaj usou da palavra e disse que os Comissários que visitaram Portugal estavam a viver a amizade com que Baden-Powell sonhara. Referiu-se ao valor do Escotismo no momento que passa, como obra de boa vontade, cujo ideal é unir e não dividir.

Reportando-se aos trabalhos da conferência disse que se não esqueciam de «todos aqueles que estão atrás de nós fazendo posição na vida».

Elogiou o gosto escotista que encontrava na sede do C. N. E. e terminou bebendo à saúde de todos os presentes.

O Sr. Dr. Correia Figueira, depois de em inglês ter lamentado não poder fazer o seu discurso nesta língua mais compreendida entre os visitantes, disse, em português, que não faltavam associações internacionais, que falam nisto e naquilo, mas a história dessas organizações tem-nos levado a desconfiar delas.

Diversamente, e como um contraste, aparece a organização dos escutas; essa aparece à luz do dia, trabalha à luz do dia, alumia-se à luz do Sol e é por



Os Comissários no Estádio Nacional

nós todos apreciado o seu carácter humanitário, altruísta e beneficente. E continuando: «Deixai-me pois que eu beba em meu nome e no do Governo que represento pelo progresso do Escotismo de todos os países e pela saúde dos seus dirigentes».

Os discursos foram vertidos para inglês pelo Sr. Lima Santos.

Os visitantes dirigiram-se depois e com urgência para Almada, para onde seguiram também muitos membros do C. N. E.

A VELADA DE ARMAS DO C. N. E.

Em Almada, na cerca do Seminário, os rapazes do C. N. E. aguardavam os Comissários empunhando archotes, dirigindo-se depois ao local onde ia ser efectuada a velada de armas.

Na escuridão de uma noite sem luar as dezenas de archotes acesos davam um espectáculo curioso.

A cerimónia da Velada foi dirigida pelo Rev. Padre Ferreira da Silva. Acendeu a fogueira o delegado



Os Comissários Internacionais adquirem algumas recordações na Boca do Inferno

do Brasil, Major Borges Fortes, que manifestou a sua alegria e dos seus colegas por se encontrarem no meio de escoteiros portugueses, e desejou muitas prosperidades ao Escotismo Português.

A velada de armas — com um cerimonial inteiramente novo e dedicado aos Comissários visitantes — constou de recitação da Lei do Escoteiro e de alguns salmos e da epístola de S. Paulo aos Efésios, acompanhada de cânticos, cerimónias que dois seminaristas iam traduzindo e explicando em francês junto dos delegados estrangeiros.

Ao encerrar, o Sr. Jean Salvaj apresentou agradecimentos, depois do que os visitantes regressaram a Lisboa.

E. R.

OS COMISSARIOS EM SINTRA

No domingo, dia 17, depois dos serviços religiosos que se realizaram de manhã no Forte das Maias, os Comissários tomaram o autocarro para a anunciada excursão a Sintra.

Acompanhados pelos membros da Comissão de Recepção, os visitantes tomaram o caminho da Capital, admirando em primeiro lugar a beleza austera do Estádio Nacional, em rápida passagem. A excursão continuou e visitou-se em seguida o Mosteiro dos Jerónimos. Os nossos camaradas escoteiros detiveram-se demoradamente a observar o mosteiro, tendo-os impressionado especialmente a beleza delicada das suas abóbadas e a elegância do maravilhoso claustro com as suas arcadas rendilhadas. Os túmulos de Camões, Vasco da Gama e Herculano, também mereceram larga atenção. Depois de uma rápida visita ao Museu Etnológico, iniciou-se, tomando a estrada de Queluz, a caminhada para Sintra, onde se chegou cerca do meio-dia.

O dia estava esplêndido e não se pode calcular o aprazimento que oferecia a Serra de Sintra, docemente envolvida numa folhagem refrescante! O palácio Real de Sintra foi então percorrido pelos Comissários e o encanto das ornamentações mouriscas veio emprestar a todos uma sensação de bem-estar e de curiosidade.

Alguns delegados, querendo sentir-se protagonistas desse tão famoso acontecimento, sentaram-se na cadeira de azulejos onde outrora o rei D. Sebastião

ouviu ler a Camões o seu imortal poema e decidiu empreender a infausta campanha do norte de África.

Entre os diversos compartimentos do palácio, as salas dos Brasões, das Pegas e dos Cisnes, provocaram muita curiosidade por parte dos nossos camaradas, em virtude das originais decorações e do valor artístico que revelam.

Agradàvelmente impressionados, os Comissários abandonaram o palácio, tendo-lhes prestado guarda de honra à saída os escoteiros do grupo local do C. N. E.

O almoço dos delegados foi servido na pensão de Penaferrim, deliciosamente recostada numa das vertentes da Serra de Sintra.

Para a tarde, o programa indicava a visita ao maravilhoso parque de Monserrate, o paraíso de Byron. Realmente foi francamente feliz a ideia de incluir este inigualável recanto nos locais a visitar. Nesse dia uma atmosfera suavíssima, tão característica daquelas paragens, envolvia as frondosas áleas e só um sol frouxo conseguia traspassar as brumas tranquilas e vir alumiar furtivamente o jardim encantado. O ambiente e os encantos daquele montão de verdura arrancou as mais sinceras expressões de agrado aos visitantes, onde tudo os fascinava. Discutia-se a origem das imensas plantas que ali se encontram e o nosso camarada Sr. Major Léo Borges Fortes sentia-se radiante por ter descoberto espécies originárias da sua Pátria — o Brasil.

Como o tempo passava veloz, foi necessário prosseguir a excursão e, tomado novamente o autocarro, seguimos o caminho até Sintra. Aí pôde-se admirar alguns dos pitorescos carros do cortejo de oferendas que nesse dia houve naquela vila e a marcha continuou pela estrada de Cascais em velocidade moderada para se apreciar devidamente esses trechos magníficos da Serra de Sintra, com as suas solitárias florestas, sempre cativantes de beleza e frescura. Os nossos visitantes tiveram ocasião de extasiar-se ante o espectáculo grandioso das ondas desfazendo-se contra os rochedos agrestes da costa, abraçando-os com o seu manto de alvura imaculada.

Após a passagem pela Praia do Guincho, parou-se na Boca do Inferno, onde os nossos hóspedes depois de verem o espectáculo que daí se disfruta, fizeram o seu aprovisionamento das características recordações que ali se vendem.

E a aprazível correria por aquela região tão bela estava quase a terminar; depois de atravessar Cascais, tomada a estrada marginal, passado o Estoril, os visitantes chegaram ao lusco-fusco ao acampamento de Carcavelos, onde visitaram os diversos sub-campos, tendo palavras de apreço para a forma como os Grupos os souberam ornamentar.

J. R.

AS SESSÕES DO "GET-TOGETHER,,

(Conclusão da 5.ª página)

coteiros americanos se interessavam pelas actividades dos escoteiros de outros países, sobretudo dos escoteiros canadianos. Achando na sua opinião que se deviam interessar todos os países no sentido de se intensificar esse intercâmbio, tanto mais que há países que ficam relativamente perto uns dos outros, principalmente na Europa.

Estudo de uma forma universal para o desenvolvimento da correspondência entre escoteiros e a sua aplicação.

Sobre o desenvolvimento da correspondência entre os escoteiros e o respectivo estreitamento de relações entre si, tornou a falar o delegado brasileiro que achou ser necessário encontrar-se uma fórmula prática de intensificar esse intercâmbio duma maneira satisfatória. Este assunto, como os demais, mereceu também larga controvérsia da parte de quase todos os delegados, que apresentaram muitas sugestões sobre o assunto.

Adopção de uma fórmula de uniforme para ser usado em acampamentos e visitas ao estrangeiro.

Pelo delegado da Suécia, Eng.º Sten Thiel foi sugerido que se encontrasse uma solução com vista a adoptar um determinado tipo de uniformes para visitas ao estrangeiro, uniforme esse prático, elegante, a fim de que os escoteiros que o usem se possam impor duma maneira aceitável nos países que visitem.

Fiscalização de adequados meios financeiros antes da emissão de passaporte para escoteiros.

O mesmo delegado falou também depois noutra sessão sobre a fiscalização a exercer pelos Comissários Internacionais ao passarem o respectivo passaporte no sentido de se informarem se as pessoas que pretendem visitar o estrangeiro dão as necessárias garantias de possuirem meios financeiros suficientes a fim de evitar que se dediquem à pedincha e também se oferecem as necessárias garantias de bom comportamento. Sobre este melindroso problema falou a maioria dos delegados, tendo o delegado francês Pierre Delsuc contado a propósito o que aconteceu com a invasão da França por escoteiros de outros países, os quais nem sempre se comportaram devidamente. Chamou a atenção dos Comissários presentes para a necessidade de uma rigorosa fiscalização para este assunto, muito embora não se fosse coarctar aquele espírito de aventura que deve existir em todos os rapazes e a que gostam de dar largas.

As sessões realizaram-se no Solário do Forte, ao abrigo de confortáveis chapéus de sol e donde se avistava um lindo mar azul, que muito agradou aos nossos ilustres visitantes.

Tivemos ocasião de admirar como todos os assuntos foram tratados com bastante interesse e por vezes de uma maneira apaixonada, não faltando, porém, sempre um admirável bom senso e espírito prático. As delegações que mais fortemente nos impressionaram foram sem dúvida a inglesa, canadiana e norte-americana. Nestes países, estamos certos, o escotismo, pelos relatos que nos fizeram, tem grandes possibilidades e eficiência. A intervenção do Coronel Wilson pelo «Bureau» mostrou-nos a forma carinhosa e paternal como o mesmo ajuda e orienta o movimento em todo o mundo.

GASTÃO FLORÊNCIO

Adjunto do Secretário Internacional da A. E. P.

Escoteiro-Chefe António Álvaro Dória

O «*Sempre Pronto*» honra-se em contar, a partir de agora, entre os seus colaboradores efectivos o Escoteiro-Chefe Diplomado Sr. António Álvaro Dória, antigo dirigente que no Porto prestou bons e efectivos serviços ao Escotismo em diferentes cargos que desempenhou.

O nosso novo colaborador, que é professor distinto e escritor de reconhecidos méritos, vem emprestar ao nosso jornal interesse e brilho que os nossos leitores irão, certamente, muito apreciar.

Todos os que no «*Sempre Pronto*» trabalham saúdam fraternalmente o ilustre e «sempre presente» camarada.



Foto Lobo Pimentel

Na Sociedade de Geografia, o Coronel Wilson com os Escoteiros-Chefes de Lisboa

NO CENTENÁRIO DE GUERRA JUNQUEIRO

Aos olhos dos que ultrapassaram o cabo dos 40 anos (que ao contrário do promontório famoso, não pode já ser de «boa esperança») o nome de Guerra Junqueiro evoca imediatamente os tempos descuidados de uma adolescência despreocupada num Mundo totalmente morto e sepultado sob os escombros e o pó das ruínas dos dois maiores conflitos que a Loucura e o Ódio, de braço dado, jamais conseguiram levantar sobre a face da terra.

Efectivamente, olhando o passado, esse passado recente de há 30 ou 35 anos, nós, que ainda não somos velhos, cremo-nos, na verdade, pequenos Matusaléns, quase nos não conhecemos ou nos supomos «duplos» daqueles «eus» que viveram e sonharam nos anos que precederam imediatamente a primeira Grande Hecatombe, e sofreram as angústias dum declínio de civilização nos 20 anos que medearam entre as duas guerras mundiais. Perguntamos, mesmo, a nós próprios, duvidosos e espantados: — Seríamos *nós* quem viveu *do outro lado?*

E é então que ao espírito nos ocorrem reminiscências da infância, da meninice e da adolescência, com todas as suas ilusões, os seus ímpetos generosos, os seus sonhos de um mundo melhor, a sua ânsia de bem servir, a sua robusta fé nos destinos do Homem, tudo enfim que aos olhos dos novos de hoje parece poeira da estrada, lixo arqueológico que urge varrer, *nugas* indignas de espíritos positivos, motivos de escárneo e de mofa.

Sim: nós, os que já vemos os cabelos a começar a alvejar, nós, os da primeira geração deste século, nós não somos deste mundo. Nós vimos de um passado distante, remoto no tempo e no espaço, dum passado tão fabulosamente longínquo como a era da construção das Pirâmides ou da invasão dos Celtas. Somos mesmo «fósseis», incapazes de compreender as maravilhas que o espírito positivo deste século criou, inventou ou descobriu: os campos de concentração, as câmaras de gás, a esterilização obrigatória, o casamento experimental, a eutanásia, a divinização do Estado, a bomba atómica!... Nós não compreendemos, *não podemos compreender* essas conquistas, simplesmente porque *nos recusamos* a crer que o Homem *de facto* suba quando o faz sobre o dorso do seu semelhante escravizado. Nós recusamo-nos a crer nas «verdades» da civilização actual porque, a despeito dos dois tufões devastadores de 1914 e 1939, não conseguimos arrancar do fundo da alma essa esperança no Homem e nos valores espirituais em que nos ensinaram a crer.

É por isso que, olhando esse passado recente, comparando a primeira década deste século com as que se lhe seguiram, chegamos a duvidar de sermos *nós mesmos,* de termos podido ultrapassar a zona perigosa batida da tormenta, conservando na alma esse ideal generoso e essa fé ardente, a que a gente nova de hoje é inacessível. Tal como o velho Fernão Lopes, poderemos dizer que «se levamtou outro mumdo novo, e nova geeraçom de gemtes».

Foi todo esse passado que se ergueu vivo e fremente ante os meus olhos quando os jornais começaram a noticiar as comemorações do centenário junqueiriano. Porque Junqueiro, para os rapazes de 1915 a 1920, foi um ídolo ou espírito tutelar, que nos arrebatava com os seus alexandrinos tonitruantes, que nos comovia até às lágrimas com as suas líricas deslumbradoras, prenhes de emoção, que nos punha o sangue em ebulição com as estrofes candentes do *Finis Patriæ* ou as «tiradas» formidáveis do Doido da *Pátria.* Nesse tempo não tínhamos — era impossível! — a calma suficiente, a profundeza de cultura, a acuidade crítica para separarmos o joio do trigo, o que era simples música ruidosa de fanfarra de aldeia do que de facto era lirismo puríssimo, bem português. Os nossos ouvidos juvenis deixavam-se levar ao sabor da toada junqueiriana, e, como se o Poeta fosse novo Orfeu, ficávamos extáticos diante da sua arte, incapazes de lhe vermos as falhas e as imagens de fancaria. Acreditaríamos lá que o autor d'*A Velhice* tivesse manchas ou deslizes a empanar-lhe a obra! Crime de lesa-arte, crime sem perdão consideraríamos o do espírito ousado que procurasse proclamar à luz do dia a verdade, mostrando-nos o *verdadeiro* Junqueiro, a verdadeira beleza da sua arte imorredoura. Pudéssemos nós e lapidaríamos o insolente!

Éramos assim absurdos nesse tempo, como o Eça confessa tê-lo sido nos seus tempos de Coimbra...

E quando nas ruas do Porto víamos o vulto pequenino do Poeta, com o nariz adunco como o do judeu d'*A Lágrima,* pousado sobre umas barbas rabínicas e mal cuidadas, que lhe caíam sobre as bandas do sobretudo de fazenda azul e já coçado, na cabeça um chapéu minúsculo e sem forma, as mãos atrás das costas, o guarda-chuva entalado debaixo do braço, os bolsos atulhados de jornais, vulto que podia lembrar o dum fauno disfarçado ou de um daqueles mercadores de fato feito que abundam no «Petticoat Market» do Soho, figura insignificante e quase grotesca, não era esse homem de aspecto vulgar que víamos, mas um velho «edo» dos tempos heróicos, de plástica apolínea, empunhando a lira, de onde desferia sons arrebatadores que arrastavam as multidões em delírio. Por isso, nós, os rapazes imberbes desse tempo, que tínhamos aprendido a venerar os valores espirituais e morais da nossa Terra, nos desbarretávamos, abrindo alas respeitosas para deixar passar o semi-deus...

* * *

De sobra se tem escrito acerca de Junqueiro: — em bem e em mal; jamais com serenidade. É que a sua desconcertante figura, como homem e como poeta, nunca pôde considerar-se a sangue-frio. A sua causticidade natural — defeito que, mais ou menos acentuado, encontramos em todos os da sua geração — não podia deixar ninguém indiferente. Forçosamente haveria que erguê-lo no alto dos escudos, como tantas vezes a mocidade do passado fez, ou cobri-lo de doestos, como a mediocridade inteligente também por vezes fazia.

Não é pretensão minha esboçar sequer as linhas gerais da obra junqueiriana, considerada criticamente. Falta-me — ai de mim — a serenidade precisa para olhar de frente e com fixidez essa torrente impetuosa de poesia sob que se encontra sepultada a minha já remota mocidade. Junqueiro só poderá ser considerado com serenidade quando tiver desaparecido da Terra o último daqueles que o viram, ouviram ou com ele conviveram, o último daqueles dominados pelo sortilégio do seu estro. Então, sim, então será possível pô-lo no seu lugar devido, catalogado, numerado, verbetado, tal como aos pesados *in-fólios* que, outrora, foram obras vivas.

Se não foi, como ainda recentemente se escreveu, o maior poeta depois de Camões (e Antero?), foi, todavia, o poeta mais multifacetado dos dois últimos séculos — satírico, lírico, épico, dramático, profundamente metafísico e declaradamente positivo (não quero dizer «positivista», atitude filosófica que repugnava ao espírito de Guerra Junqueiro), grande sob todos os aspectos, mas nem sempre sacrificando nas aras do bom gosto ou do decoro que incumbe a um poeta da sua

estatura. Contemporâneo de Antero de Quental, de João Penha, de Gomes Leal, de Gonçalves Crespo, de Tomás Ribeiro, de Cesário Verde, de Guilherme de Azevedo e, já depois de consagrado, de António Nobre, de Eugénio de Castro e António Feijó, apenas o primeiro de todos estes poetas se lhe avantajou na estima e no entusiasmo de cultos e incultos. De facto, exceptuando Gomes Leal e Guilherme de Azevedo, também revolucionários no sentido literal da palavra, nenhum possuía estro tão variado e tão cheio de facetas como ele; estes dois últimos apenas se lhe comparam do ponto de vista de demolidores, de iconoclastas, de sarcastas, sem terem, porém, o arrojo das suas imagens. No lirismo são-lhe inferiores; e sendo Gomes Leal verdadeiramente mais poeta do que Junqueiro, o que o celebrizou foi a sua atitude de inconformista perante o Poder, as suas prisões por abuso de liberdade da palavra escrita.

No meio da multidão quase incontável de poetas do tempo, em que sobressaíram os nomes que acima apontei, Guerra Junqueiro ergueu-se em pedestal elevado, quase a ombrear com o poeta dos *Sonetos* e das *Odes Modernas*. Porque a massa anónima que o aclamava lhe compreendesse e admirasse a arte? As multidões são inacessíveis ao valor intrínseco de qualquer forma de arte; arrebata-as apenas o aspecto exterior que essa arte por vezes reveste, as lentejoulas que brilham e chocalham. Foi esse aspecto que elas admiraram em Junqueiro. Não foram *Os Simples* que levantaram gritos de entusiasmo: foi *A Velhice do Padre Eterno*, foi, sobretudo, a *Pátria*, as estrofes indignadas do *Finis Patriæ* e d'*O caçador Simão*, os aspectos demolidores, dissolventes e, tantas vezes, injustos da obra junqueiriana, pelas suas imagens arrojadas, às vezes de mau gosto, mais fàcilmente acessíveis ao espírito infantil das massas anónimas.

A Velhice marca, mais do que *A Morte de D. João*, o início dessa fase. Mas não foram os versos repassados de lirismo *Aos Simples* que arrebataram os novos de há 60, de há 50, de há 30 anos: foram *A Sesta do do Abade, a Semana Santa, O Génesis, A Vinha do Senhor, A Vala Comum.*

Na *Pátria*, que achamos uma má acção, qualquer que seja o ponto por onde se estude, o que mais entusiasmava eram os ataques ao rei D. Carlos, as falas da teoria dos Braganças chamados a aconselhar o descendente no transe difícil do «ultimatum». Os próprios tercetos da fala de Nun'Álvares — da mais bela poesia que jamais se escreveu em nossa Língua — eram admirados... porque os entendidos os proclamavam dignos de admiração.

Finis Patriæ e *O Caçador Simão*, anteriores à *Pátria*, representam também um aspecto da indignação de Junqueiro despertada pelo «ultimatum» inglês de 1890. São, porém, obras de injustiça, por quererem atribuir ùnicamente ao monarca (um rei constitucional!...) o que era, sobretudo, culpa dos homens e do regime que serviam. O poeta sempre sofreu de certo daltonismo político, que o não deixava ver à sua verdadeira cor certas figuras sobre que lançava injustamente as suas diatribes. Em D. Carlos (que tinha defeitos de sobra, mas que possuía qualidades que nenhum dos seus antecessores, exceptuando D. Pedro V, possuíra) viu Junqueiro o culpado dos males da pátria, esquecido ou ignorante do estado de profunda decadência, de dessoramento a que chegara Portugal por culpa do regime liberal que não soubera deter ou corrigir os males que vinham de longe e antes agravou. Atacando o rei, Junqueiro preparava o caminho para a tragédia do Terreiro do Paço, para a República, para tudo o que veio depois. Por isso lhe chamaram o Poeta da Revolução. E porque punha excepcional vibração e entusiasmo nas suas estrofes, as suas atitudes de oposição colocavam-no mais perto das multidões, que continuavam a ignorar-lhe a obra de lírico admirável.

Manifestou, mais tarde, já perto da morte, contrição ou arrependimento. Sincero? Creio que sim. Como quer que seja, arrependimento pressupõe culpa. Triste é o momento em que um homem, à beira do túmulo, ao olhar o passado, reconhece ter errado e ter por que arrepender-se. O Junqueiro dos últimos dias é uma lição viva que daqui ofereço aos rapazes de Portugal, para que nela meditem e a tenham presente para por sua vez a evitarem na hora undécima.

Os anos passaram. Junqueiro repousa há 27 anos nos Jerónimos, onde não está Antero, onde apenas figura a suposta ossada de Camões, seu par na corte do Parnaso. Acalma vai-se fazendo a pouco e pouco. Nós próprios, os rapazes de há 30 anos, já não deliramos com os versos estonteantes d'*A Morte de D. João* ou a sinfonia vagneriana da *Pátria*, embora nos comovam as quintilhas d'*A Moleirinha*, os alexandrinos d'*A Lágrima* e de outras poesias célebres de Guerra Junqueiro. Vai-se restabelecendo a calma e o poeta vai deixando avultar outros seus contemporâneos, em cuja arte há mais serenidade, mais equilíbrio, mais beleza formal mesmo.

Mas, se muito do nosso entusiasmo se foi apagando e se extinguiu com o cair das primeiras neves, tal como, no quarto de alva, a fogueira do acampamento se apaga docemente, primeiro brasa viva, depois rubi incandescente, por fim cinza fumegante, persiste em nós a saudade do ídolo que admirámos, do semi-deus que adorámos, porque ele foi, na verdade, o símbolo dum tempo que passou e não volta mais.

Mais, où sont les neiges d'antan?...

António Álvaro Dória
E. C.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Casamento—Em 24 de Setembro findo, consorciou-se em Lisboa, na Igreja da Senhora de Fátima, a Sr.ª D. Maria Luísa Coelho Simões com o nosso estimado assinante e amigo Sr. Eduardo da Silva Guia, escoteiro do Grupo 84, do Entroncamento.

Aos noivos deseja o *Sempre «Pronto»* mil felicidades.

De parabéns—O nosso camarada Chefe Sr. João Clímaco do Nascimento e sua Esposa encontram-se de parabéns pelo nascimento em 11 de Outubro corrente do seu segundo bébé, uma engraçada menina a quem desejamos mil felicidades.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Os Serviços Religiosos

Na manhã de Domingo, dia 17, no Forte das Maias

A actividade de Domingo, dos dirigentes estrangeiros, abriu com serviços religiosos. O culto católico-romano efectuou-se na Capela do Forte com a assistência do Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Presidente da A. E. P., e dos comissários católicos. Foi oficiante o Rev. Dr. José Correia de Sá, Vice-reitor do Seminário de Almada.

O culto cristão-evangélico realizou-se numa sala do Forte, especialmente preparada para o efeito. Assistiu o Sr. Coronel Wilson, Director da Secretaria Internacional; o General Spry e outros comissários evangélicos. A parte litúrgica foi dirigida pelo Rev. Josué Ferreira de Sousa, e fez o sermão o Pastor Sr. José Ilídio Freire. Foi usada a língua inglesa.

• • o • •

«SEMPRE PRONTO»

A revista dos escoteiros da Guatemala «VIDA SCOUT», teve a gentileza de se referir no seu número de Janeiro-Fevereiro ao quinto aniversário do nosso jornal. Agradecemos reconhecidos.

Os dirigentes escotistas estrangeiros visitaram o Acampamento Nacional

A chegada dos Comissários nossos visitantes à Quinta do Junqueiro ao pôr do Sol de domingo, dia 17 de Setembro, foi um autêntico acontecimento no Acampamento Nacional, onde se encontravam inúmeras visitas que, gentilmente, se retiraram para o

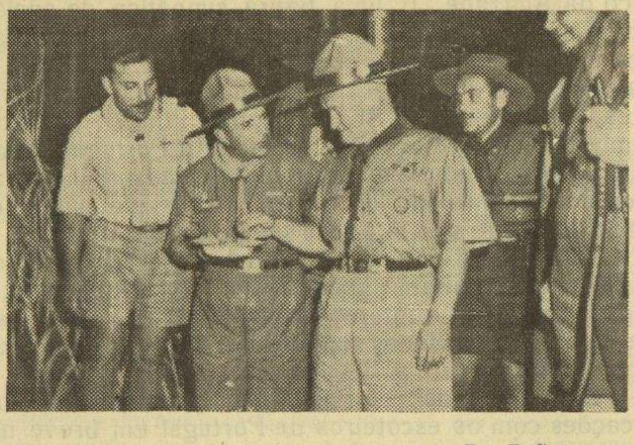

Foto F. Bragança

O Coronel Wilson prova os bolos cozinhados no fogão do «5», que lhe são apresentadas pelo Chefe Geral Tovar de Lemos

campo do fogo de conselho, evacuando os campos, para que os Dirigentes os pudessem percorrer e apreciar.

Os Comissários, que eram acompanhados pelos membros da Comissão de Recepção e pelo Director e Redactor Principal do «*Sempre Pronto*», foram recebidos à porta pelo Chefe Geral Tovar de Lemos, seus adjuntos Salgueiro Júnior e Mira Calhau, Ernesto Clímaco do Nascimento, Chefe da Região Centro; João Clímaco do Nascimento, Chefe de Campo; Aníbal Tomás dos Santos, Chefe da Região Norte e muitos outros dirigentes.

Os Grupos formavam nos seus campos e o respectivos Chefes, depois de apresentados às visitas, acompanhavam-nas na revista. O Sr. Dr. Cortez Pinto, que se encontrava de visita ao acampamento, foi também apresentado aos nossos hóspedes, com quem conversou, deixando-os surpreendidos com o conheci-



Foto F. Bragança

O forno do «5» fazia inveja a muitas «donas de casa»

mento que tinha de cada uma, quase a totalidade, dos países representados.

Os campos dos Grupos encontravam-se montados com muita arte e engalanados com gosto, e, como a hora do jantar se aproximava, as cozinhas funcionavam a todo o vapor. Os Comissários interessaram-se vivamente por tudo e as cozinhas mereceram-lhe especial atenção, já que uma boa maioria se encontrava bem instalada, com bons fogões construídos com terra e pedras.

Todos os Comissários manifestaram a sua satisfação, mas o delegado brasileiro foi o que mais exteriorizou a sua alegria pois gozava da feliz vantagem de com todos os escoteiros poder conversar na vernácula língua de Camões e Olavo Bilac.

Só a noite forçou a terminar aquela visita, que todos lamentaram — a principiar pelos nossos hóspedes — que não tivesse sido feita mais cedo. E lá partiram para o Forte das Maias, deixando a rapaziada radiante porque havia a promessa de que regressariam mais tarde para assistir ao fogo do conselho.

O Jantar de despedida dos Comissários Internacionais

Na tarde de Domingo, dia 17, quando os Comissários regressaram do Acampamento Nacional, foi-lhes servido no Forte das Maias um jantar de despedida. Presidiu o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Presidente da A. E. P., que dava a sua direita ao Coronel Wilson e a Mr. Amory Houghton; e à esquerda ao Rev. José Correia de Sá e Lorde Rowallan. Durante o repasto reinou na sala a maior intimidade e os nossos hóspedes exteriorizavam constantemente a sua alegria, contribuindo para vincular mais ainda imperecíveis laços de camaradagem.

E, não estivessem os rapazes do Acampamento Nacional ansiosos pelo regresso dos Comissários, que a reunião se prolongaria em amena conversa pelo resto da noite.

Além dos Comissários, membros da Comissão Consultiva dos Antigos dos Escoteiros, membros do «Comité» Internacional e individualidades já citadas,



Foto F. Bragança

Um aspecto do Jantar de despedida dos Comissários Internacionais no Forte das Maias

e dos membros da Comissão de Recepção, recordamos de ter visto à mesa o Chefe Geral da A. E. P., Sr. Tovar de Lemos, as Sr.as de Pereira Jardim e de Nobre Santos, de Sten Thiel, de Medzadourian, de Mário Mazza, o Sr. Francklin de Oliveira, e o Director do «*Sempre Pronto*».

★ ● ★

Cursos de Ginástica da Sociedade de Geografia de Lisboa

A inscrição para para as classes de Ginástica Educativa e lições individuais de Ginástica Correctiva e Respiratória, bem como das várias modalidades de Esgrima que a S. G. L. mantém para os seus sócios, filhos menores ou tutelados, encontra-se aberta até ao fim do corrente mês.

Como nos anos anteriores, estas actividades são completadas por Jogos Educativos, Práticas Escotistas e Campistas e pelo emprego de maçagem, de bola medicinal, etc.

A Ginástica especializada (feminina e masculina) tem, principalmente, por fim obter uma melhoria fisiológica e estética, neutralizar os prejuízos da vida sedentária, proporcionando, ainda, às pessoas mais idosas, exercícios higiénicos e suaves de compensação funcional.

O almoço de despedida dos membros do Conselho Internacional constituiu uma interessante reunião de camaradagem

No Pavilhão dos Desportos Náuticos efectuou-se dia 20 um almoço de despedida dos nossos visitantes, no qual tomaram parte os Comissários e membros do Conselho Internacional, que ainda se encontravam en-

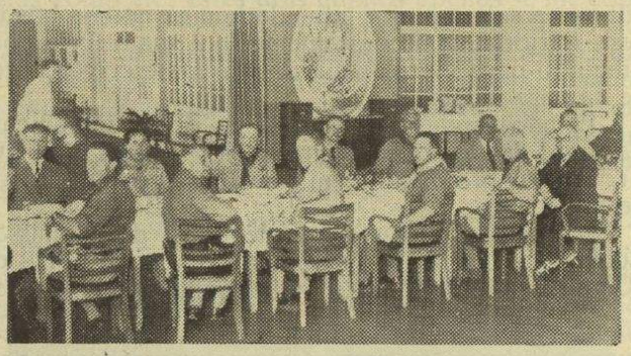

Foto Lobo Pimentel

Um aspecto do almoço no Espelho de Água

tre nós, membros das direcções da A. E. P. e C. N. E., e antigos escoteiros das duas associações.

Antes do almoço, os convidades reuniram-se numa das salas do Espelho de Água, onde foi servido um Porto de Honra, que serviu de oportunidade para que o Sr. D. José de Lencastre, Escoteiro-Chefe Nacional do C. N. E., condecorasse Lorde Rowallan, Escoteiro-Chefe Geral da Comunidade Britânica, com o colar de cavaleiro de Nuno Álvares, depois de lhe expressar a admiração pelas suas qualidades pessoais e pelo alto valor do escotismo britânico, afirmando que aquela homenagem deveria ter sido prestada em 1948 por ocasião do 40.º aniversário de Boy Scouts Association.

O Escoteiro-Chefe Geral Britânico agradeceu a homenagem, que disse aceitar como prestada à sua associação, tendo-se referido à aliança que une há 600 anos Portugal e a Inglaterra.

Seguiu-se depois o almoço no qual tomaram parte os membros do Comité, Comissários Internacionais, membros das duas associações portuguesas, Dr. Cortez Pinto, Dr. Tovar de Lemos, Prof. Dr. Délio Nobre Santos, deputado; e Coronel Mário Cunha, Com.te da Polícia de Segurança Pública; dos Antigos Escoteiros de Portugal; Dr. Jacinto Ferreira, deputado, dos Antigos Escutas; e Dr. Próspero dos Santos, médico da Região de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas.

Findo o repasto o Chefe Geral Sr. Luís Grau Tovar de Lemos, bebeu pela saúde de todos os Comissários, membros do Comité Internacional, e respectivos Chefes de Estado das nações representadas, afirmando que a visita iria representar um grande incremento do Escotismo em Portugal.

O Sr. D. José de Lencastre, Chefe Nacional do C. N. E., disse fazer suas as palavras do representante da A. E. P., e acrescentou que estava, de facto, também convencido de que a visita representaria um maior desenvolvimento do Escotismo.

Afirmando falar em nome de milhares de antigos escoteiros, o Sr. Dr. Tovar de Lemos expressou a sua satisfação pela honrosa visita feita aos escoteiros portugueses e saudou os comissários presentes.

O Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, falando em francês, saudou os Comissários presentes que disse serem os embaixadores da amizade e da comunicação entre os povos, terminando por afirmar: «Felicito-vos pelo vosso bom trabalho pelo Escotismo».

Finalmente levantou-se o Sr. Coronel Wilson, Director do Bureau Internacional, o homem que, sem qualquer lugar de chefia mundial, se dedicou à tarefa de auxiliar as relações entre as diversas associações escotistas, dando sugestões e viajando constantemente ao serviço da Amizade. É uma figura simpática de ancião, onde transparece uma energia invulgar, expressando-se em termos espirituosos e afáveis. Agradeceu as palavras dos dirigentes que tinham discursado, referindo-se em especial ao Sr. Dr. Cortez Pinto. Agradeceu também o convite feito para a visita a Portugal, o convívio e hospitalidade dispensados e disse que lhes tinha sido dado demasiado de comer, demasiado que fazer, demasiado que ver, e pouco tempo para dormir.

Disse que a recepção feita pelos escoteiros de Portugal, que se uniram para esse fim, constituiu um êxito e esperava que no futuro, em qualquer circunstância e perante as autoridades superiores, a mesma união continuaria a existir.

E continuando: — «Faço votos para que as comunicações com os escoteiros de Portugal em breve não necessitem mais de ser feitas com duas pessoas distintas, usando dois papéis distintos e, falando como Escocês, com dois selos e dois sobrescritos, mas de uma maneira económica com um só selo e um só sobrescrito, um só papel e uma só pessoa.

«Os trabalhos destes últimos dias conseguiram estabelecer uma unidade de pensamentos e espero que no futuro se possa conseguir uma união mais sólida entre os escoteiros de todas as nacionalidades e de todo o mundo. Será do máximo interesse que todos continuemos fiéis à Promessa, fiéis à Lei.

«Em meu nome, e em nome de todos os vossos hóspedes, bebo pela felicidade de todos os que estão no movimento e de todos os que têm passado pelo movimento».

E, neste ambiente de amizade, terminou o almoço, tendo os Comissários dirigido-se imediatamente para a Presidência da República, onde foram apresentar cumprimentos ao Chefe de Estado.

NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O Chefe de Estado recebeu os Dirigentes escotistas tendo formulado votos pelo progresso e desenvolvimento do Escotismo

Os membros do Conselho Internacional de Escotismo e os Comissários Internacionais foram apresenta-



Foto Lobo Pimentel

Outro aspecto do almoço no Espelho de Água

dos ao Senhor Marechal Carmona pelo Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Subsecretário do Comércio e Indústria, na sua qualidade de Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal. Após os cumprimentos, o Sr.

(Conclui na 16.ª página)

A organização das Reuniões Internacionais e o acolhimento feito aos vários delegados foram perfeitos e merecem elogios dos nossos hóspedes

Já durante a sua estadia muitos dos delegados expressaram a sua opinião favorável pelo modo como tudo estava correndo.

A corroborar este facto estão as cartas que muitos, mal chegaram aos seus países, tiveram a amabilidade de endereçar aos organizadores. Por amável deferência para com o nosso jornal, podemos publicar a tradução de alguns períodos das mesmas.

Do Cor. Wilson ao Sec. das Relações Int. da A. E. P., ainda escrita no avião a caminho de Londres.

..."Você pode estar satisfeito porque as Reuniões Internacionais foram um sucesso e por aquilo que elas trarão ao Escotismo Mundial".

Do Cor. Wilson em carta oficial do «Bureau».

..."O "Comité" está cônscio de que um grande e útil trabalho se fez nas reuniões o que será de real valor para o que se propuser na Conferência Internacional de Escotismo a realizar no futuro ano. As vossas associações deram um real bom passo para o escotismo mundial".

De Sten Thiel, da Suécia

..."Por favor aceite as meus mais sinceros agradecimentos por todas as vossas amabilidades e hospitalidade durante os inesquecíveis dias que tive o prazer de passar no vosso belo país".

..."as conferências tiveram um grande sucesso e estou convencido que todos os delegados são da minha opinião porque você e os vossos amigos realizaram um esplêndido trabalho para o Escotismo Internacional, e, espero, também, para o Escotismo de Portugal".

De Mckinney—E. U. A.

..."Pessoalmente acho que você e os vossos associados realizaram um esplêndido trabalho de preparar tudo para a nossa Conferência e por isso escrevo a apreciação não sòmente por mim, mas pelos Escoteiros da América, por aquilo que você fez".

"Por muito estranho que pareça, eu conhecia muito pouco de Portugal antes de vos visitar. Agora que vi o seu país e o conheci a você tenho certamente um grande respeito pot todas as coisas portuguesas".

"Uma Conferência tal como você organizou é uma coisa difícil, mas vocês tornaram possível passar agradàvelmente cada minuto do tempo".

"Espero que da Conferência resulte alguma coisa para o Escotismo em Portugal. Você parece ter dado boa publicidade nos jornais e nós aqui na América achamos que isso é uma coisa muito importante".

De Lorde Rowallan (Comunidade Britânica) ao Presidente da A. E. P.

"Estamos convencidos de que esta foi uma das nossas mais felizes e mais harmoniosas reuniões do "Comité" que jamais tiveram lugar, e não pode haver dúvida de que os laços históricos e os cuidados das nossas hostes contribuíram muito largamente para esta harmonia".

Ao Secretário das Relações Internacionais da A. E. P.

"...e sòmente lamento, e muitos de nós, também, estou certo, que a nossa estadia tenha sido tão curta que não tivéssemos podido ver mais do vosso belo país".

Do Dr. Medzadourian, da Arménia (em Paris).

"Se a Conferência foi um sucesso vós tendes uma grande parte da glória".

"...minha esposa e eu não sabemos como vos agradecer por tudo o que vós fizestes por nós. Nós maçávamo-vos muito e vós haveis feito tudo com um sorriso".

Barão Voorst tot Voorst — Holanda

"Acabo de chegar a Haia e apresso-me a vos dizer, uma vez mais, como estou confundido pelo encantador acolhimento que vós nos preparastes em Portugal".

"A organização foi perfeita, mas ela não teria valido nada se vós não lhe tivésseis posto tudo o que o Coração Português tem de cordeal, de atenções obsequiosas e de hospitalidade. Foi o que deu o encanto à minha estadia entre vós. Estou-vos particularmente reconhecido!"

"O escotismo sem coração, sem abnegação, sem Amor de Deus e da Pátria não é nada. E é por isto que tenho fé no escotismo português, porque o essencial está nele".

Dr. Pierre Delsuc — França

"Antes de deixar o vosso belo país, quero dizer-vos da minha gratidão pela vossa gentileza, largueza da vossa hospitalidade e vossa sorridente obsequiosidade. Se é verdade que o Escotismo se mede pelo amor ao próximo, vós haveis-nos dado durante esta requintada estadia um exemplo que não esquecerá mais".

Manifestações de apreço desta natureza, se nos honram e nos alegram por nos ter sido possível receber os nossos visitantes com a tradicional hospitalidade portuguesa, implicam a responsabilidade de corresponder ao conceito que de nós é feito, trabalhando mais afincadamente pelo Escotismo Nacional, mas para isso é necessário que cada um se esforce por realizar «o melhor possível», sem ridículas e pretenciosas vaidades, que se não coadunam com a simplicidade do Escotismo e a fraternal camaradagem que ele procura fomentar não só entre jovens de nações diferentes, mas também—e principalmente—da própria nação. O movimento em Portugal não se engrandece pelo esforço de um ou de dois, mas de todos aqueles que quiserem trabalhar de boa vontade.

Faça os seus rapazes compreender a significação viril da higiene. Mantenha-os ocupados com actividades sadias—isto é o melhor meio de os ajudar a «chutar» para longe maus pensamentos e hábitos sujos.

B. P.

NO ACAMPAMENTO NACIONAL

O FOGO DE CONSELHO FOI MAIS UMA NOVA OPORTUNIDADE DE PRATICAR A FRATERNIDADE

Quando os Comissários chegaram ao A. N., os escoteiros acampados já se encontravam formados no campo do fogo do conselho tendo prestado saudação aos visitantes e ao Sr. Presidente da A. E. P. que os acompanhava.

O Fogo foi aberto pelo Chefe Amâncio Salgueiro Júnior, segundo um cerimonial usado na Região Norte, que esperamos dar a conhecer aos nossos leitores num próximo número do «S. P.». Dez escoteiros cobertos com um lençol branco, e empunhando archotes, encontravam-se alinhados e, respondendo a uma chamada do Chefe do Fogo do Conselho, recitavam, um a um, cada artigo da Lei enquanto se aproximavam da fogueira. Quando todos se reuniram largaram, com os seus archotes, lume à meda de lenha de onde irromperam ràpidamente vivas lavaredas, enquanto os escoteiros entoavam a canção «Chama alegre».

E começou a festa do fogo. A Região Sul iniciou as canções, cantando com muita afinação e gosto, apresentando um programa em que não faltaram os característicos corridinhos algarvios.

Seguiu-se a Região Centro. Era a mais numerosa, o que não admira porque tem maior número de grupos e o acampamento em casa. Não tinha, talvez por isso mesmo, tão boa afinação e apresentou as mesmas «velhinhas» canções de sempre. O ambiente, porém, estava um pouco pesado, talvez pelo cerimonial com que o fogo abriu, talvez pela presença de tão ilustres visitantes. Mas foram as próprias visitas que resolveram animar a festa e saltaram ao campo a despertar a rapaziada, especialmente os Comissários do Brasil, Major Fortes; e da Holanda, Volkmaars; distinguindo-se os escoteiros da Região Centro que corresponderam ao estímulo e emprestaram ao fogo a maior alegria.

Além das canções de conjunto, o «84» apresentou alguns números da sua orquestra e um episódio musical, e o «94» um dueto cómico.

Chegou então a vez da Região Norte. Apresentou algumas canções do folclore do Norte e, finalmente, um bailado — o vira do Norte — desempenhado pelos seus rapazes, apresentando-se uns no papel de raparigas, aplicando os lenços do uniforme a fazer de saia. Sem dúvida a Região do Norte foi quem apresentou o melhor programa do fogo, verdadeiramente interessante

(Conclui na 14.ª página)

O Director da Repartição Internacional de Escotismo (Bureau) visitou demoradamente o Escotismo Português após as Reuniões internacionais.

A convite das duas associações escotistas portuguesas ficou o Cor. Wilson, durante mais uns dias em Portugal para que, com mais intimidade, os dirigentes portugueses pudessem trocar ideias com ele e deste modo duma maneira mais eficaz, pôr os seus conhecimentos ao nosso dispor.

No dia 21 o Director da Repartição Internacional visitou a sede da A. E. P. onde conferenciou com os Directores da Associação e com a Delegação de Lisboa do C. N. E.

À noite visitou as sedes dos Grupos 5 e 53, onde foi recebido pelos seus Chefes e escoteiros, dirigindo-se depois ao ginásio da Sociedadede Geografia onde se reuniram os Chefes dos Grupos de Lisboa da A. E. P., a quem dirigiu palavras de estímulo e de confiança no engrandecimento do Escotismo, apelando para que todos se devotassem mais aos seus Grupos e ao movimento em conjunto. As palavras do Coronel Wilson foram interpretadas pelo Secretário Internacional Adjunto Sr. Gastão Moura Florêncio.



Foto F. Bragança

O Coronel Wilson fala aos Chefes dos Grupos da Região Centro no Ginásio da Sociedade de Geografia

A VISITA AO NORTE

No sábado de manhã, o Coronel Wilson partiu para o Norte de automóvel, acompanhado dos Comissários Internacionais das duas associações portuguesas, do Chefe Geral da A. E. P. e do Major Fortes, delegado do Brasil.

À sua chegada ao Porto os visitantes foram recebidos pelos principais dirigentes escotistas da capital do Norte, tendo assistido à noite a um festival promovido pelo C. N. E. nos claustros da Sé Catedral, com a colaboração da A. E. P. De tarde, o Coronel Wilson visitou alguns Grupos do C. N. E., a Associação Comercial e o Instituto do Vinho do Porto.

No domingo, 24, foi recebido em Guimarães, junto ao histórico Castelo por um forte contingente do C. N. E., com bandeiras e clarins.

Na Penha, e com a presença de dirigentes superiores das duas associações escotistas portuguesas de Lisboa, Porto e Braga; o Director da Repartição Internacional foi homenageado com um almoço.

De tarde seguiram para Braga, onde foi visitada a Sede Central do C. N. E., tendo-se realizado mais tarde uma festa promovida pelo Núcleo de Braga do C. N. E. no seu campo de jogos, à qual assistiram as autoridades civis e militares da cidade.

Durante esta festa o Chefe Nacional do C. N. E. condecorou o Coronel Wilson com o colar de Cavaleiro de Nuno Álvares, a mais alta condecoração escotista daquela associação.

No mesmo momento, o Sr. Major Léo Borges Fortes, colocou na bandeira do C. N. E. a medalha «Tiradentes» do Escotismo brasileiro, condecoração concedida ao C. N. E. por ocasião das suas bodas de prata, notícia que o nosso jornal deu em Portugal em primeira mão.

À noite jantaram no Bom Jesus e na segunda-feira o Chefe Nacional do C. N. E. ofereceu na sua casa de Paço de Ferreira um almoço em honra do Coronel J. S. Wilson, a que assistiram os dirigentes que de Lisboa acompanharam o nosso ilustre visitante e muitos outros convidados, presidente e vereadores da Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

O Sr. Coronel Wilson regressou a Lisboa tendo partido nesse mesmo dia de avião para Inglaterra. No aeroporto da Portela estiveram a apresentar-lhe cumprimentos os Srs. Luís Tovar de Lemos, Eng.º Nobre Santos, Vítor Lima e Santos, A. Veríssimo, Major Léo Borges Fortes, do Brasil e Kay Lauritzen, da Dinamarca.

NO ACAMPAMENTO NACIONAL

(Conclusão da 13.ª página)

para os estrangeiros. Mais do que isso, documentou com factos aquilo que nestas colunas temos constantemente afirmado: — Se quisermos mandar representações portuguesas aos «Jamborees» mundiais, devemos prepará-las para apresentar alí números do nosso folclore, campo riquíssimo, que nos poderá proporcionar grandes êxitos pela sua beleza e originalidade.

A simples experiência da Região Norte, sem trajes apropriados, e o interesse que o seu programa despertou, é prova da nossa afirmação.

O fogo de conselho terminou assim com alegria e entusiasmo. E, enquanto os escoteiros recolhiam às suas tendas, os Comissários seguiam para o Forte das Maias.



PROBLEMA N.º 5

AL BLU BRE BRE CA CO CLA CRE CRO CTO DEL FA FE FLA FRO GLO GO GRA LIM MA MAR MO MUR PE PO PO SA TA TA TE TEM TRA VA VAR VE VE

Com as 36 sílabas acima forme 18 dissílabos de 5 letras com os seguintes significados:

1 Metal	10 Período
2 Puro	12 Moca
3 Sorvo	12 Caso
4 Letra grega	13 Circunspecto
5 Armada	14 Cunho
6 Vestuário	15 Vivacidade
7 Abertura da laringe	16 Alvacento
8 Metal	17 Lacónico
9 Tecido	18 Osso

Forme com as *terceiras* letras das palavras encontradas um conhecido provérbio.

Faustino[r] Leitão

Solução do problema n.º 1

(as soluções são publicadas 90 dias depois de inseridas)

Prole—saldo—trova—sabre—tropa—tumba—Grumo—Cidra—trapo—broma—capaz—grelo—vulto—globo—lomba—plaga—pasmo—senso—plano—probo—troça—covil—gleba—lazer—trofa

O lobo muda o pelo mas não o vezo



Foto Lobo Pimentel

O Sr. Coronel J. S. Wilson com membros da Direcção da A. E. P. e delegados da Junta Central do C. N. E., vendo-se da esquerda para a direita os Srs. Amadeu Martins, Gastão Florêncio, Vítor Lima Santos, Luís Grau Tovar de Lemos, Coronel Wilson, Dr. Américo Santa Martha, Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior, Eng.º João Cabral e Eduardo Ribeiro

O ACAMPAMENTO NACIONAL

Conforme já tivemos ensejo de informar os nossos caros leitores, efectuou-se na Quinta do Junqueiro em Carcavelos um acampamento geral, no qual tomaram parte delegações de quase todos os Grupos do continente português.

Os Grupos da Região Centro n.os 1, 2, 5, 9, 13, 40, 53, 79 84, 85, 93, 94 e 99 começaram a chegar ao campo em 9 de Setembro e iniciaram imediatamente as suas instalações, sob o comando do seu Chefe Regional Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento. Em 13, pela manhã, chegou a Região Sul com os Grupos n.os 6, 59, 60 e 77, num total de 57 escoteiros, comandados pelo Chefe Francisco Nascimento Pina.



Foto F. Bragança

O «5» armou uma tenda de «alto»... era perto da praia e é sempre de recear uma «cheia» !...

Em 14, pela manhã, chegou a Região Norte com 51 escoteiros dos Grupos n.os 4, 15, 44 e 91, sob o comando do Chefe Regional Sr. Aníbal Tomás dos Santos.

A direcção do Acampamento estava entregue aos Chefes Srs. Amâncio Salgueiro Júnior, António Mira Calhau e João Clímaco do Nascimento.

Os serviços de secretaria foram ocupados pelos Chefes Srs. José M. Miranda de Melo e João Patrício de Melo, auxiliados por Otelo Henriques de Sousa e Justino Estêvão da Silva.

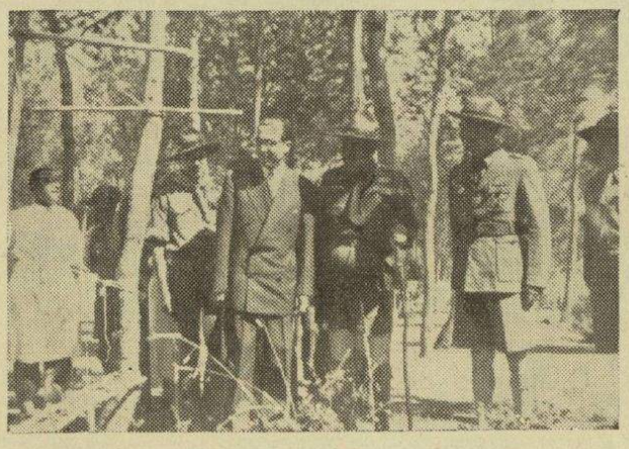

Foto F. Bragança

O Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim visita o Acampamento da Região Norte. Vê-se ao fundo o médico do campo Sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa

O Sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa assumiu a direcção dos serviços médicos.

No Acampamento Nacional foi mantida uma tenda para venda de artigos do Serviço de Material e Uniforme, livros escotistas e publicações, serviço que esteve a cargo do Chefe Sr. Capitolino Ferreira Macedo.

Especialmente a Secção de Livraria despertou grande interesse entre os escoteiros, que adquiriram diversas obras em espanhol, francês e português (edições brasileiras).

No sábado, dia 16, à noite, efectuou-se um fogo de conselho.

No domingo, dia 17, podemos afirmar que os Grupos tinham dado o máximo do seu esforço para que os seus campos se apresentassem bem montados. Esmeraram-se também na apresentação, emprestando a tudo beleza.

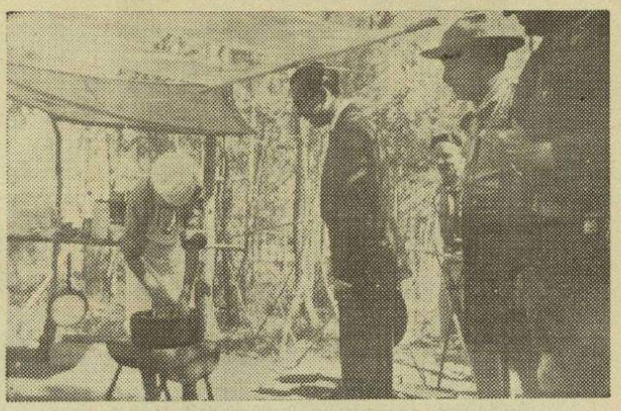

Foto F. Bragança

O Sr. Presidente da A. E. P. acompanha a tarefa de um «cozinheiro»

O Grupo n.º 5 conseguiu, contudo, preparar o melhor campo. A porta de entrada apresentava um quadro trabalhado em relva e canas representando a lenda de S. Jorge a matar o dragão. Montou uma tenda sobre troncos de árvores e o seu forno estava perfeito. Mas, de uma maneira geral, todos os Grupos se esmeraram. A Região Norte montou um campo único. A Região Sul, prejudicada por lhe ter calhado um local de dimensões reduzidas para o seu acampamento, teve mais dificuldade em fazer brilhar o seu trabalho. No entanto, na apresentação dos seus rapazes, na pontualidade em comparecer aos serviços e na disciplina, os rapazes do Algarve evidenciaram-se.

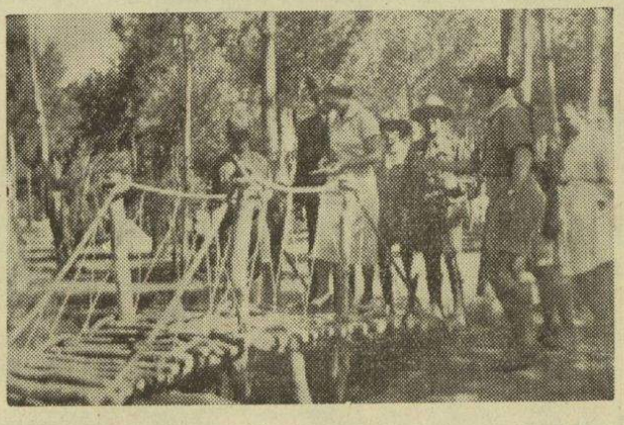

Foto F. Bragança

A Esposa do Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim experimenta uma das «pontes» do acampamento

No conjunto todos os que trabalharam no Acampamento merecem louvores. Difícil se tornava apresentar — de improviso — um melhor campo. O mesmo se não dá com a Direcção da A. E. P. que deveria ter estabelecido os planos para o Acampamento com mais tempo e assim se não teriam revelado deficiências graves em abastecimentos, fornecimentos de água e programa de actividades. Nós temos uma capacidade

enorme de improvisar. O Acampamento resultou, por isso, em certos aspectos, óptimo. Que êxitos poderemos alcançar quando um dia — e nós queremos acreditar que esse dia chegará — nos dispusermos a orga-



Foto F. Bragança

O Sr. Eng.º Pereira Jardim, Presidente da A. E. P. inspecciona um fogão montado no acampamento

nizar, a trabalhar com planos e programas, a efectuar com método aquilo que fazemos de improviso?

O Eng.º Sr. Jorge Pereira Jardim, Presidente dos Escoteiros de Portugal, visitou o Acampamento Nacional.

No domingo, dia 17, cerca das 11 horas da manhã, o Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, acompanhado de sua Esposa, antiga Chefe de Lobitos, D. Maria Teresa M. de Sousa Pereira Jardim, chegou ao Acampamento, sendo recebido pelos Chefes Srs. Amâncio Salgueiro Júnior, Mira Calhau, João e Ernesto Clímaco do Nascimento, Miranda de Melo, Dr. Baltasar Rebelo de Sousa e Patrício de Melo. O Sr. Presidente da A. E. P. visitou demoradamente todos os sub-campos, interessou-se pelo andamento das actividades, e teve pa-



Foto F. Bragança

O Sr. Presidente da A. E. P. visita o campo do Grupo 94, perante a formatura da sua Alcateia

lavras de elogio para os Chefes dos diferentes Grupos pelos trabalhos apresentados.

No campo do Grupo 5 o Sr. Presidente quis verificar a solidez da tenda armada sobre as árvores, tendo subido na companhia dos Chefes Amâncio e Ernesto Nascimento, concluindo assim que esta se encontrava em condições de ser utilizada e não era mero ornamento, tendo felicitado o Chefe Mário Fernandes.

O Sr. Eng.º Jardim inspeccionou ainda os diversos trabalhos de campo: pontes, círculo de fogo do conselho, apreciando o esforço dos rapazes que, num terreno coberto das mais variadas pedras, conseguiram abrir paradas e avenidas marginadas por longas molduras das mesmas pedras retiradas.

O Sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa procedeu, após isto, à inspecção médica dos escoteiros, acção que o Sr. Presidente acompanhou, depois do que se retirou expressando o prazer que a visita lhe tinha proporcionado.

No Acampamento Nacional os escoteiros evangélicos acampados assistiram a um serviço religioso.

Numa clareira, num ponto tranquilo do Acampamento, os Grupos confessionais cristãos-evangélicos montaram uma «capela» onde, no domingo de manhã, se reuniram os Grupos n.ºs 15, 40, 53, 91 e 94 e escoteiros membros doutros Grupos, num total de 75 rapazes, para assistirem a um serviço divino dirigido pelos pastores Rev. Eduardo Moreira, Vice-Presidente da Presidência dos Antigos Escoteiros de Portugal, e Rev. Vidal Vieira dos Santos, Chefe do Grupo 15. A parte

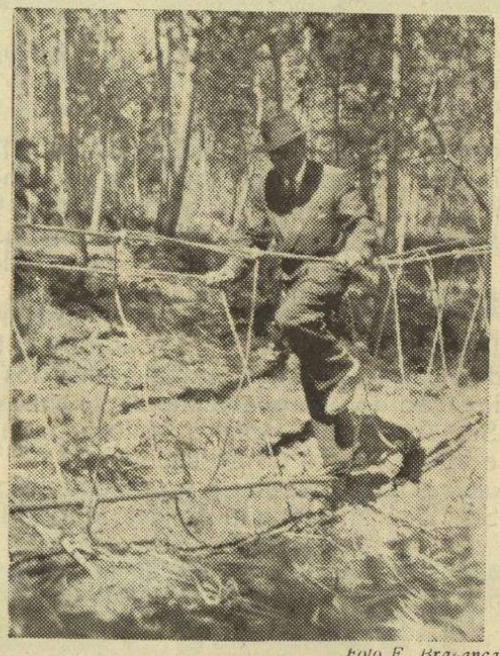

Foto F. Bragança

O Sr. Presidente da A. E. P. experimenta uma ponte «Himalaia»

litúrgica foi dirigida pelo Rev. Vidal V. Santos e o sermão foi proferido pelo Rev. Moreira. A este culto assistiu ainda o Sr. Dr. Lepoldo de Figueiredo, membro da Presidência dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Depois desta actividade religiosa os escoteiros evangélicos entregaram-se aos trabalhos de campo.

O almoço de despedida dos membros do Conselho Internacional

(Conclusão da 12.ª página)

Coronel Wilson agradeceu a honra de terem sido recebidos pelo Sr. Presidente da República, bem como a maneira simpática como foram acolhidos em Portugal.

Lorde Rowallan, Chefe do Escotismo Britânico, saudou o Sr. Marechal Carmona e pôs em merecido relevo os laços de amizade existentes entre Portugal e a Grã-Bretanha.

O Sr. Presidente da República manifestou a sua alegria por se ter efectuado em Portugal a reunião dos dirigentes do escotismo internacional e formulou votos pelo seu desenvolvimento e engrandecimento.